

O Papel do Exército

1232

RUBEM BRAGA

O grande erro desse grupo da chamada Sorbonne é partir da presunção de que o povo é o inimigo. Para tal «elite militar» o Brasil é um país prestes a explodir em guerrilhas mil; e a função das Forças Armadas é preveni-las e, quando necessário, sufocá-las. A segurança nacional está, naturalmente, acima de tudo; mas o diabo é que tudo implica em ameaça à segurança nacional. Daí a imposição de preceitos constitucionais e leis de toda a espécie destinadas a garantir a segurança nacional.

Se os planos da ESG forem levados até o fim ficará o Brasil na condição de um indivíduo que dedica todos os seus recursos a evitar doenças e a se armar de remédios para combatê-las. Esse indivíduo viverá certamente a tomar vacinas de todo o tipo, a usar galochas e desinfetantes, a deglutir vitaminas e sais minerais, a se entupir de antibióticos ao primeiro espirro e se prevenir com antitetânico sempre que cortar um dedo. Terá medo do sol e da chuva, evitará aglomerações, apertos de mão, beijos, e jamais fumará um cigarro ou tomará uma cervejinha. Será, em uma só palavra, e uma palavra suave, um neurótico.

Sabe-se que essa neurose antipovo da Sorbonne é causada por teorias de importação. Está escrito não sei onde — mas certamente está escrito em inglês — que a função principal das Forças Armadas dos países não desenvolvidos é lutar contra o comunismo interno. Como o comunismo procura explorar os sentimentos dos operários e camponeses, a primeira coisa a fazer é desconfiar deles. Qualquer movimento de protesto, qualquer pedido de aumento de salário é suspeito e perigoso. A imprensa, o Congresso, a Universidade estão cheios de miasmas: é preciso desinfetá-los permanentemente e fechar seus órgãos quando parecer indicado. Sobre a cabeça de cada paisano deve pender a espada de um oficial de IPM, do tipo daqueles tresloucados condenadores de Juiz de Fora.

Ora, tudo isso é uma tolice monstruosa. A função das Forças Armadas em um país como o Brasil não é institucionalizar o subdesenvolvimento e oprimir o povo. É ajudar o povo a lutar pelo desenvolvimento, ajudar como em parte elas têm ajudado, melhorando seus níveis de saúde e educação, fazendo do recruta um cidadão melhor, formando técnicos e especialistas, cooperando na solução dos problemas de transporte — o Correio Aéreo Militar, os batalhões rodoviários, os inúmeros serviços prestados pela Marinha de Guerra à Mercante — e na solução de muitos outros problemas, sempre usando seus recursos materiais e intelectuais a serviço das comunidades.

Nunca faltaram, nas Forças Armadas do Brasil, homens de mentalidade superior para compreender isso. Engenheiros militares têm prestado ao país serviços inestimáveis em campos como a siderurgia, o petróleo, as usinas elétricas, os transportes; médicos militares sempre souberam estender às populações civis sua assistência; educadores militares têm feito uma obra imensa em todos os graus da instrução.

8.1.67 - cont.

Se, pelo seu grau inferior de educação e escassez de recursos, a maioria das forças públicas estaduais é vista pelo povo apenas através de sua ingrata missão policial, o Exército sempre teve uma aura de simpatia, e em suas fardas o povo muitas vezes sentiu a presença superior do Governo Federal, a protegê-lo e ajudá-lo. O que esses homens da Sorbonne estão fazendo é criar para o militar-brasileiro uma situação antipática e odiosa de guarda de oligarquias políticas e privilégios econômicos nacionais e estrangeiros. A força de considerar o povo como inimigo e tratá-lo como tal, os homens da Sorbonne, que desprezam solenemente, ostensivamente, a opinião e o sentimento do povo, acabarão fazendo dêste um inimigo da verdade. Um inimigo pobre, acoelhado, desarmado, espionado, controlado, humilhado e espoliado — mas inimigo.

Acredito no bom-senso da grande maioria dos oficiais do Exército, em seus sentimentos democráticos e nacionalistas. Ninguém quer a desordem, a bagunça, a desorganização da produção e a subversão da hierarquia. O pequeno grupo de aventureiros que seguiu esse rumo foi facilmente liquidado porque não encontrou apoio popular. A empáfia dos donos do proletariado e do povo não resistiu ao primeiro sopro de reação. É um crime aproveitar esse movimento para instaurar um regime de arbítrio, em que o Poder Militar poderá tudo, tudo — menos tocar em um fio de cabelo ou um centavo de lucro de um sujeito de uma ESSO ou de uma Light qualquer.

Iremos institucionalizar um regime que sabe ser forte e violento na hora de fazer do remediado um pobre, tomando-lhe parte do salário como renda, e do pobre um miserável, prendendo seu salário-mínimo abaixo das taxas de desvalorização da moeda — e é sempre covarde, medroso e bocó diante do estrangeiro rico, das empresas elétricas americanas ou dos alemães da Mannesmann?

8.1.67